

que ressaltar a boa apresentação do volume, aliás uma tradição da arte portuguesa de imprimir.

Essas três edições quase contemporâneas, testemunham teimosamente que as criações do espírito são as únicas que resistem às injúrias do tempo (*aere perennius*). Ninguém discute o valor da tecnologia. Mas se trata de uma atividade *secundum quid*. O robô não é o novo homem, nem a réplica do homem; é o anti-homem. Porque falta-lhe a alma. Poderíamos, parodiando, dizer: *Chassez le spirituel; il revient au galop*. A perenidade de *Os Lusíadas*, malgrado as previsões de todas as cassetras, identifica-se com a perenidade da própria poesia. E onde houver poesia há esperança.

Bibliografia:

- 1- CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*, comentados por Augusto Epifânio da Silva Dias. 3.ª ed. Reprodução fac-similada da 2.ª ed. Iniciativa da Comissão Brasileira designada para organizar as comemorações do IV centenário do poema. Ministério da Educação e Cultura, Departamento de Assuntos Culturais, 1972.
- 2- CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Edição brasileira comemorativa do IV centenário da publicação do poema. Ministério da Educação e Cultura, Departamento de Assuntos Culturais, 1972.
- 3- CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Edição comemorativa do IV centenário da publicação de *Os Lusíadas*. Leitura, prefácio e notas de Álvaro Júlio da Costa Pimpão. Instituto de Alta Cultura, Lisboa, 1972.

Jornal do Brasil (Suplemento Livro)
9/3/1974

*

A barba comprida

Na estrofe 71, do Canto IV, Camões, aludido ao famoso sonho profético de D. Manuel, personifica em dois velhos “de aspeito venerando” os maiores rios da antiga Índia, o Ganges e o Indo. E assim os apresenta:

“A cor da pele baça e denegrída;
A barba hirsuta, intonsa, mas, comprida.”

A palavrinha *mas* é que tem dado motivo a discussões. Barba *hirsuta* é “de pelos longos, duros e bastos”, diz Nascentes no respectivo verbete do seu *Dicionário da Língua Portuguesa*. *Hirsuto* vem do latim *hirsutus*, que significa “de pelo eriçado e grosseiro”. Quanto a *Intonso*, o sentido é de “não tosquiado, não cortado”. Portanto ambos os velhos tinham barbas não tratadas, que deviam ser longas e toscas. No entanto o Poeta diz que a barba dos anciãos era “hirsuta, intonsa, *mas comprida*”. Parece-nos ilógica a afirmação. Uma barba intonsa,

isto é, não cortada, deve crescer e por conseguinte, tornar-se comprida. Como entender então a adversativa? O que se havia de esperar era “intonsa, logo comprida” e não “mas comprida”.

Em conhecida edição do poema, o filólogo português Epifânio Dias nenhum comentário trouxe à dificuldade, o que levou o seu duro crítico, o não menos competente José Maria Rodrigues a dizer que, aceitando *ex silentio* o *mas* como adversativa, o douto editor do poema admitira ter Camões perpretado um disparate. Entendia então o Dr. José Maria Rodrigues que *mas* estaria por *mais* e que se devia atribuir a esse *mais* o sentido de “muito”.

O nosso categorizado filólogo, Prof. Evanildo Bechara, em bem fundado estudo vindo a lume no volume 4, tomos I-II, da excelente *Revista Brasileira de Filologia*, cedo desaparecida, contestou, com sólidas razões, a interpretação do saudoso José Maria Rodrigues, pois se trataria de exemplo isolado nos *Lusíadas* (onde sempre ocorre *mais* e não *mas*), além de que o normal na língua é encontrar a conjunção *mas* gravada *mais* e não contrário. Também rejeita com razão, o parecer do Dr. Cláudio Basto, que viu em *mais* lapso tipográfico por *mui*. Suprimir a dificuldade não é resolvê-la.

Maior atenção lhe mereceu o entendimento que do passo obscuro o sempre lembrado Sousa da Silveira expusera numa de suas *Notas soltas de linguagem*, publicada na também extinta *Revista de Cultura*. São palavras do eminente Mestre nesse artigo;

O *mas* será adversativo, e haverá oposição, uma oposição, por assim dizer simétrica da que vemos acima: “aspecto, inda que agreste, venerando”, isto é, “aspecto agreste, mas venerando”.

É que tomo o adjetivo comprida com o significado de “cheia”, “de aspecto distinto, nobre”, “bonita”. O verso terá, assim, este sentido:

“A barba hirsuta, intonsa mas de aspecto distinto” ou, simplesmente, “mas bonita”.

Em abono de sua interpretação, alega Sousa da Silveira que no *Poema do Cid* (séc. XII) ocorre o adj. *complido* várias vezes, com sentidos que se prendem à significação primária de “cheio” que tinha *complido*, uma vez que acrescentamos, se prende ao verbo latino *complere* “encher inteiramente”. Lembra também que esse mesmo significado é o de *comprido* no ptg. arcaico. Aliás, salienta ainda Souza da Silveira, o notável pensador que foi Alfonso Reys traduziu, do mesmo *Poema*, “barba tan complida” por “la hermosa barba”.

O prof. Evanildo Bechara, porém, não aceitou o ponto de vista de mestre Sousa da Silveira. No seu entender o *complida* do *Poema* se assemelha ao *velido* de nossos cancioneiros medievais, o que, aliás não favorece muito a sua

argumentação, pois *velido* significa precisamente “bonito” do lat. *bellus*. Então a *barba comprida* (= complida) seria mesmo a “barba bonita”, como diz Sousa da Silveira. Contudo, parece que o Prof. Bechara julga não se poder destacar o adj. *complido* do sintagma “barba complida”, com que o autor do Poema designaria o próprio Cid. Remete, nesse ponto, para Menéndez Pidal. Acrescenta que esse sentido de “complido” foi “prática de linguagem que desapareceu antes de nascerem os nossos escritores quatrocentistas e quinhentistas”.

Apresenta então o seu modo de ver. Considera o *mas* conj. adversativa, o que, nos parece incontroverso. Recorda a seguir que Camões procurava caracterizar os rios pelos naturais da região. Por isso tinham os velhos “corbaça e denegrada”. Cita mais um trecho do *Esmeraldo de Situ Orbis*, de Duarte Pacheco pereira (séc. XVI), onde esse navegador distingue duas Etiópias, uma inferior e outra superior, a qual “começa no rio Indo”... “do qual a Índia este nome tomou” e cujos habitantes “são negros, mas não já em tanta quantidade como os da Etiópia baixa, e têm os cabelos corredios e compridos, como os dos homens brancos”. Opõe-nos assim aos habitantes da Etiópia inferior, que “têm os cabelos curtos e crespos”. Conclui daí o prof. Bechara que *comprida*, no texto camoniano, é o oposto de *curta*. E pondera que, em “barba hirsuta e intonsa”, “estes dois últimos adjetivos não pressupõem que a barba fosse comprida”. Logo, no sentir do ilustre mestre patricio, no passo dos *Lustadas*, o adj. *comprido* teria o sentido de “longo” que atualmente possui.

Não nos parece porém, que, no referido lanço camoniano, o adj. *comprido* possua o mesmo sentido que lhe damos em nossos dias, *ou seja*, valer como antônimo de curto. Mais viável seria a hipótese, implícita na argumentação de Bechara, de que provavelmente, no trecho citado, *comprido* se oporia semanticamente a *crespo*, *encaracolado*. No entanto, o próprio Duarte Pacheco Pereira não estimula essa interpretação pois fala em “cabelos corredios e compridos”... cremos, pois, que devemos buscar outro rumo. E, na verdade, o melhor caminho, afigura-se-nos, é retornar à exegese Sousa da Silveira.

Alega o Prof. Bechara que os nossos (literariamente também são nossos) escritores dos sécs. XV e XVI desconheciam esse emprego de *comprido* como “cheio, bonito”. E considera a tradução de A. Reyes de *complida* por *hermosa* como “muito livre”.

Quanto a este último ponto, relembro outra “tradução”: a de Francisco López Estrada, que nos apresenta o seu trabalho como “texto íntegro en versión métrica” (*Poema del Cid*, 6.ª edição Editorial Castalia “Odres Nuevos”, Madrid, 1969). No v. 274 aparece “barba vellida”, que López Estrada moderniza em “barba florida”. E a “barba complida” do v. 268 é vista como “barbas crescidas”. Na verdade, são “barbas cheias”, “de boa aparência”. Diz ainda Bechara que

“*O barba complida* (que poderia ser também *barba vellida*) do texto espanhol designa o herói do poema”. E remete para a ed. de Menéndez Pidal. Contudo, só ao comentar o “barba velida” é que Mestre Pidal diz tratar-se de um “epíteto del Cid”. *Barba velida* é “barba cuidada, bonita”; *barba complida* é “barba cheia, vistosa”. Logo uma *barba complida* pode ser *velida*, como no passo camoniano.

Relativamente ao uso quatrocentista ou quinhentista, penso tratar-se de um sintagma literário: *barba complida*, isto é, “barba cheia, vistosa”. Como diz Horrent (*Historia y poesía en torno al “Cantar del Cid”*, Barcelona, Ariel, 1973), o adj. *conplido* “no califica nunca a *Campeador*, sino a su barba” (p. 220). Pensamos, pois, que *barba comprida* ou *barba complida* (ou *conplida*) é um *topos* da literatura medieval e clássica, o que justificaria a sua presença na estrofe camoniana. Mas sabemos que estamos no campo da opinião e não da certeza. Por isso é natural que o tema ainda dê muita água pela barba.

Voz de Portugal

RJ, 08/06/1979

*

Forma e conteúdo nas letras medievais

A Prof. Luciana Stegagno Picchio é personalidade por demais conhecida em nossos meios cultos, particularmente no das letras. Todavia, para uma camada mais ampla e sempre renovada, é grato recordar os traços marcantes de seu perfil intelectual.

Catedrática da Faculdade de Letras da Universidade de Roma, vem-se dedicando com proficiência, gosto e talento ao estudo da língua e da literatura portuguesa (incluindo-se nesta a brasileira, em virtude da identidade idiomática). É atualmente uma das maiores autoridades mundiais em literatura portuguesa arcaica, tendo-nos mesmo dado, em 1968, notável edição crítica das poesias do trovador Martin Moya, a que juntou comentário e glossário. Fez aturadas pesquisas sobre o teatro português, do que resultaram dois soberbos livros: *Storia del teatro portoghese* (1964) e *Ricerche sul teatro portoghese* (1969). Em 1972, em alentado volume de quase setecentas páginas, publicou solidamente fundamentado estudo sobre *La letteratura brasiliana*, indispensável na bibliografia de qualquer pesquisador universitário, o qual dedicou ao seu amigo (e grande Poeta) Murilo Mendes. Colabora nas mais importantes revistas da especialidade e tem continuamente estado presente em Congressos Internacionais (e por isso já mais de uma vez veio ao Brasil), onde a sua voz de filóloga e mestra consagrada se torna imperiosa. A aproximação com o valor e a cultura